



Alcadipani Netto, A.*

* Economista e Administrador de Empresas, Professor do IIPC e Pesquisador do CEAEC.

Unitermos

Ciência
Conscienciologia
História

Key-words

Conscientiology
History
Science

Uma Breve História das Ciências

A Brief History of Science

Resumo:

Este artigo aborda a História das Ciências Convencionais e da Conscienciologia. Esta deverá ser mais amplamente considerada como científica a partir da maior divulgação e reconhecimento de seus métodos, e com a inevitável "abertura" do mundo científico para tanto. Este resumo histórico mostra, também, a metodologia das Ciências Convencionais e da Conscienciologia, qualifica o que é científico para ambas, apresentando algumas reflexões que constituem análises e perspectivas para uma e outra Ciência.

Abstract:

This article considers the History of Conventional Sciences and Conscientiology. The last one must be more widely considered as scientific after the dissemination and recognition of its methods and with the unavoidable "opening" of the scientific world for that. This historical abstract also shows the methodology of Conventional Sciences and Conscientiology and specifies what is scientific for both of them, presenting some reasoning to analyze and to establish perspectives for each of them.

1. Um Perfil Histórico

A evolução científica traz forte correlação com a dinâmica da História universal, principalmente no que tange a fatos políticos, econômicos, sociais e culturais. O pensamento mais profundo, racional, de ponta, deu as bases para a decolagem inicial da Filosofia e da Ciência planetária.

A história da Grécia antiga está recheada de grande esplendor filosófico (destacando o período entre os séculos VI a II a C.), onde os esforços de racionalização, a partir de seus filósofos, culminaram nos primeiros embriões para a formação da denominada *ciência grega*. Tudo foi acontecendo, dentre outras coisas, pela relativa condição de liberdade de pensamento e de opinião existente entre a elite de suas várias cidades estados, com destaque para Atenas, onde o florescimento da democracia, francamente favoreceu o *logos* - a razão -, que se destacou imponente, incentivando o pensamento mais puro e consistente, dando as bases mais sólidas para a evolução da Filosofia: era bem comum o debate público, entregando-se os gregos, livremente, ao exercício da Filosofia na praça, na ágora, no coração de Atenas, florescendo o diálogo descontraído, aberto, sem a imposição de conhecimentos predeterminados.

As especulações dos pensadores gregos sobre o cosmos foram de altíssimo nível: contradiziam às crenças populares, aos preconceitos e às superstições religiosas; houve uma prodigiosa vitória do "espírito humano" sobre o obscurantismo religioso da época. Neste contexto, a Ciência, historicamente, sempre andou junta com as

especulações mais consistentes e profundas da Filosofia, a qual sempre tendeu a se expandir, com mais intensidade e desembaraço, a partir de formas democráticas de governo, sem as influências nefastas de dogmas religiosos ou políticos, sem as imposições dos "donos da verdade" absoluta. Os filósofos pré-socráticos já se preocupavam com questões cosmológicas, dando atenção especial à origem e natureza do mundo físico, onde a Filosofia e a Ciência sempre se encontraram intensamente interligadas.

A partir de Pitágoras, houve grande preocupação de pensadores e cientistas gregos com os números, o que começou a levá-los a se interessarem, ainda mais, pela Matemática: a Geometria transformou-se em "*ciência racional*", despertando o interesse de cientistas e pesquisadores. Houve outros filósofos e cientistas que se dedicaram e desenvolveram mais a Matemática: Tales de Mileto (séc. VI a C.); Euclides (séc. III a.C.); Arquimedes (séc. III a C.), e outros.

O Império Romano chegou a abranger cerca de ¼ do território europeu, grande parte do Oriente Médio e todo o norte da África. Os romanos preocupavam-se mais com suas conquistas, com tudo o que se relacionasse à guerra. Este vasto Império não conseguiu gerar grandes pensadores, filósofos, cientistas, ao contrário do que já vinha acontecendo com a Grécia: Roma só se preocupou com inventos "pragmáticos", utilizados nas batalhas de conquista ou de preservação territorial, invenções ou aperfeiçoamentos de armas, táticas de guerra, estradas, pontes, entre outros, para facilitar as locomoções de suas

legiões guerreiras e de obras monumentais para realçar todo o seu poderio. O Direito, a Construção Civil, a Arquitetura e a Política, principalmente, foram as maiores contribuições dos romanos à civilização ocidental.

Tales de Mileto (625-546 a.C.), primeiro filósofo grego conhecido, abordava os assuntos através do que podia aferir e racionalizar sobre eles. Considerou a água como a origem de todas as coisas materiais e foi o introdutor da Geometria na Grécia.

Pitágoras (570-495 a.C.), matemático e filósofo grego, considerou "o número o princípio de todas as coisas". O ponto de vista de Pitágoras foi fundamentado no desenvolvimento de sua teoria aritmética da harmonia musical. Outras teorias atribuídas a ele: incomensurabilidade do lado e da diagonal de um quadrado e o teorema de Pitágoras, que estabelece que "o quadrado da hipotenusa de um triângulo retângulo é igual à soma dos quadrados dos outros dois lados". Na Astronomia, sua análise das trajetórias dos movimentos circulares do Sol, da Lua e das estrelas só veio a ser aceita no século XVII.

Confúcio (551-479 a.C.), filósofo chinês, preocupou-se em elaborar um código de conduta a ser aplicado à administração do Estado e à moralidade individual. Embora fosse contrário a muitos dos conhecimentos religiosos populares, ele misturou Filosofia com Religião, centralizando suas atenções na conduta social do indivíduo. Para ele, a sociedade ideal poderia ser restabelecida pela harmonização a ocorrer: entre governante e ministro, marido e esposa, pai e filho, irmão mais velho e mais jovem, amigo e amigo. O inferior deve obedecer ao superior, e este deve ser justo, verdadeiramente benevolente.

Heráclito de Éfeso (540-475 a.C.), filósofo grego considerado um dos precursores das noções de dialética, dizia que "a única coisa permanente é a mudança". Foi um dos primeiros a sistematizar as noções sobre os fenômenos da natureza.

Sócrates (470-399 a.C.), filósofo grego, considerado um dos fundadores da Filosofia ocidental. Inicia seus estudos da natureza da alma humana e a busca do conhecimento influenciado *pela filosofia de Anaxágoras*. Na sua época, foi considerado o mais sábio dos homens, julgava-se incumbido de converter os cidadãos de Atenas à sabedoria e à virtude. Mestre de Platão, não deixou nenhuma obra escrita, *sua filosofia* só pôde ser conhecida por meio da obra de Platão e Xenofonte. Praticava a Filosofia pelo método que chamou de maiêutica (dialética), submetendo as respostas de seus interlocutores a uma análise cuidadosa e a contra-argumentações. Sua doutrina foi bem conclusiva a respeito do que pode ser sabedoria: a completa apreensão discursiva, racional, dos conceitos mais importantes.

As idéias de Sócrates, bem como sua crítica às tradições gregas, aos costumes dos cidadãos e à democracia, tornaram-no popular e despertaram oposição

dos conservadores. Denunciado como subversivo por não acreditar nos deuses de Atenas, por introduzir novos deuses e por corromper a juventude, foi condenado a suicidar-se tomando cicuta.

Hipócrates (460-357 a.C.), médico grego, de grande valia para a evolução da Medicina. Dentre outras coisas, descreveu a epilepsia, a tuberculose, a malária. É célebre o juramento de Hipócrates, lido em muitas escolas de Medicina, durante a formatura.

Demócrito (460-370 a.C.), filósofo grego que postulou ser a matéria uma combinação de vácuo e átomos: os átomos constituem todas as coisas existentes; depois de um período de tempo, tais átomos desintegram-se e são tragados pelo vácuo. Acreditava que o verdadeiro conhecimento deriva, não do estímulo sensorial, mas do intelecto inato.

Platão (428-348 a.C.), filósofo grego, professor de Aristóteles, discípulo de Sócrates, seus primeiros diálogos preocuparam-se com a Ética. Suas teorias concentram-se na distinção de 2 mundos: o visível, sensível, ou mundo dos reflexos, e o invisível, inteligível ou mundo das idéias. As idéias, para Platão, são objetos imutáveis e eternos do pensamento. Foi também famoso por sua teoria da *anamnese* (reminiscência), pela qual muito de nosso conhecimento não é adquirido através da experiência, mas já conhecido pela alma na ocasião do nascimento, e que a experiência serve apenas para ativar a memória (pelo menos alguns dos nossos conhecimentos são inatos). Algumas de suas obras: *A Apologia de Sócrates*; *O Banquete*; e *A República*.

Lao-Tsé (séc. IV a.C.), filósofo chinês que implantou o taoísmo (escola de sabedoria chinesa centrada no conceito de tao, ou "caminho"), uma mistura de religião e Filosofia. Suas idéias representam uma reação ao confucionismo. Ao contrário do confucionismo, que idealizou uma sociedade baseada em forte disciplina, o taoísmo já defendia que o homem deveria evitar as obrigações sociais convencionais e a levar uma vida simples, espontânea e meditativa, próxima à natureza. O taoísmo exerceu grande influência sobre a Literatura, a Arte e a Filosofia chinesa.

Aristóteles (384-322 a.C.), filósofo e cientista grego, fundador da Lógica, influenciou a teoria cristã da Idade Média e toda a Filosofia ocidental; apresentou uma metodologia científica capaz de solucionar as deficiências da dialética de Platão. Não se interessou só pela Matemática, mas também pelas Ciências Naturais e seu sistema filosófico está baseado numa concepção rigorosa do universo. Procurou definir o que era Ciência e a investigação científica deviria partir da observação, indução, princípios explicativos e dedução. Aristóteles foi considerado criador de várias Ciências: Anatomia, Filosofia Comparada e Lógica, dentre outras.

Euclides (séc. IV-III a.C.), grego, o mais famoso matemático da antiguidade, chamado o "pai da Geometria". Sua obra mais importante, *Os Elementos* (de 13 volumes),

contribuiu para a organização lógica do que já se conhecia sobre a Geometria. Formulou os axiomas e postulados que estabeleceram os princípios básicos da Geometria. Seus princípios dão origem à Geometria euclidiana, que prevaleceu até o séc. XIX, quando surgem as primeiras teorias que se opõem às suas.

Arquimedes (287-212 a.C.), matemático grego, pioneiro da Matemática aplicada, descobridor dos princípios fundamentais da Mecânica, levando-o a focalizar o movimento dos astros e a hierarquização do cosmos. Deixa importantes contribuições à Geometria, descobre o volume da esfera. Formula o "*Princípio de Arquimedes*": "todo corpo mergulhado num fluido recebe um impulso de baixo para cima igual ao peso do volume do fluido deslocado".

Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.), escritor, orador, governante e pensador romano, preocupou-se com questões filosóficas associadas a suas atividades políticas. As suas duas obras foram: *De República e De Legibus*, ambas de inspiração platônica. Essas obras trataram de formas de governo e princípios de direito, também com conteúdos filosóficos.

Plínio, o Velho (23-79 d.C.), ou **Gaius Plinius Secundus**, romano, escreveu muitos trabalhos históricos e científicos. A sua obra em 37 volumes, *História Natural*, foi a única que sobreviveu, tendo sido muito utilizada na Idade Média para consultas científicas sobre Geologia.

Plotino (205-270 d.C.), romano, foi o principal expoente da escola filosófica chamada neoplatonismo, afirmava que o mundo material é irreal, a política trivial, o corpo uma prisão temporária da alma, e a vida uma viagem através de uma paisagem de ilusão. A realidade ficava além, em um ser solitário perfeito, O Uno, a fonte de toda a verdade, bondade e beleza. Dizia que as almas puras têm esperanças de "retornar" para lá. Acreditava ter experimentado este retorno.

Porfírio (233-304 d.C.), cidadão romano, natural da Síria, iniciou seus estudos em Alexandria e completou-os em Roma, tornou-se discípulo de Plotino, e escreveu cerca de 77 obras; tentou uma conciliação entre a Filosofia de Platão e a de Aristóteles, tendo exercido profundas influências na Filosofia medieval.

A decadência do Império Romano ocorreu através de um longo processo de mais de um século: a desintegração do escravismo e a fusão da cultura de bárbaros germânicos aceleraram, mais ainda, seu fim. Os povos germânicos fundaram vários reinos pela Europa, dedicando-se, mais tarde, à guerra, transformando-se em senhores feudais sob a tutela da Igreja, que já os tinha convertido ao catolicismo. A Igreja Católica, que se encarregou da administração dos novos reinos, recebia propriedades dos reis germânicos como troca de favores, imperando, esta mesma Igreja, como "proprietária" única da política, da cultura, e mesmo do "pensamento" de seus fiéis cidadãos. Após a queda do Império Romano, surge a Idade Média, dentro deste

contexto de dominação da Igreja e dos senhores feudais. A decadência do Império Romano e as invasões bárbaras que o acompanharam não resultaram num modo de produção mais evoluído: esse processo desencadeou a decadência social, econômica, cultural, científica, dentre outras.

Os pensadores da época medieval, tais como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, sem negar a importância de seus postulados, expuseram a Filosofia mesclada de aspectos religiosos, não separando o saber da fé.

Santo Agostinho (354-420 d.C.), filósofo e religioso nascido no norte da África, seu pensamento revela a influência de Platão e dos neoplatônicos: como Platão, escreveu em forma de diálogos. As suas idéias não separavam o saber da fé, tendo se preocupado com questões cosmológicas, religiosas e teológicas. Identifica o Ser com Deus: Deus é o princípio supremo e fonte do Ser, é a fonte de todo o conhecimento e é a norma da vida.

São Tomás de Aquino (1225-1274), filósofo e religioso italiano, fazia parte da ordem dominicana, foi totalmente desapegado das coisas materiais. Sua obra principal para a Filosofia é a *Suma Contra os Gentílicos*, refutando os gentílicos, uma verdadeira suma filosófica, demonstra a verdade da concepção cristã no mundo. Na Filosofia de São Tomás de Aquino, o Ser ocupa um lugar de destaque, porque ele o identifica com Deus.

Desde o Renascimento, a religião vinha sofrendo diversas contestações, culminando com o advento do protestantismo e a conseqüente destruição da unidade religiosa. Este ambiente histórico, de profundas alterações religiosas, sociais e econômicas, propiciou uma maior oposição ao dogmatismo religioso, dando-se vazão mais intensa ao discernimento, à razão humana. Passa-se do pensamento medieval, preponderantemente teocêntrico (centrado em Deus), para o que coloca o homem como centro dos interesses e das decisões.

A vitória do **heliocentrismo**, defendido primeiramente por Galileu, e confirmado, posteriormente, por Kepler e Newton, coincidiu com a hegemonia do mercantilismo na vida das nações, substituindo as relações de produção medievais, antes existentes: a burguesia mercantil européia havia se firmado como classe mais importante da sociedade, substituindo a classe dos senhores feudais. O emergente comércio na Europa do Renascimento e, depois, sua hegemonia crescente, constituíram uma verdadeira revolução. O dinheiro impunha sua lei, e a liberdade comercial propiciou um maior arejamento, também, para os homens da Ciência.

O Iluminismo, a partir do séc. XVIII, dá o seu "golpe de misericórdia" contra a ignorância e o preconceito dos homens da Igreja, provando, de maneira incontestável, a derrota do obscurantismo. Em contrapartida ao dogmatismo religioso, houve a preponderância maciça dos

desempenhos da técnica, da Ciência e do trabalho humanos. O clero resistiu, é verdade, com vigor ainda maior, mas ficou na defensiva, enquanto o “espírito de iniciativa” avançou. Os mentores espirituais recuaram, muito embora continuassem a impressionar. Diante deles, os “espíritos livres” chegaram ao limiar do poder. O “novo espírito” levaria a melhor.

Leonardo da Vinci (1452-1519), filósofo, cientista, músico, engenheiro, arquiteto, escultor e artista plástico italiano. Pesquisou e formulou conceitos de Engenharia Civil e Militar, projetos de Mecânica, de Arquitetura, entre outros. Algumas das máquinas por ele projetadas estavam muito à frente de seu tempo: antecipou muitas das descobertas posteriores, tais como o helicóptero, o pára-quedas, máquinas, entre outros. Defendeu a supremacia da pintura sobre todas as outras artes, por ser a única indispensável à exploração científica da natureza.

Giordano Bruno (1548-1600), filósofo italiano, que de dominicano doutor em Teologia, tornou-se calvinista por pouco tempo; posteriormente, obteve o diploma de doutor em Artes. Por suas idéias, acabou sendo vítima da Inquisição, que o prendeu por oito anos. Por não querer contradizer-se, foi condenado à fogueira. Entre as suas obras, destacam-se: *Da Causa, do Princípio e da Unidade*, e *Do Infinito, do Universo e dos Mundos*.

Galileu Galilei (1564-1642), cientista italiano, considerado um dos maiores cientistas de todos os tempos, foi responsável pela superação do aristotelismo e advento da moderna concepção de Ciência. Sofreu inúmeras perseguições religiosas e políticas por ter defendido a substituição do **geocentrismo** (a Terra como centro do universo) pelo **heliocentrismo** (o Sol como centro). Condenado pela Inquisição, foi obrigado a abjurar publicamente suas idéias. Contribuiu de forma importante para o desenvolvimento da Física, com destaque para a Ótica Geométrica, Termologia, Hidrostática, Dinâmica, entre outras. Foi o aperfeiçoador do telescópio.

Johannes Kepler (1571-1630), astrônomo alemão, descobridor das “*Três Leis do Movimento Planetário*”: 1) Órbita elíptica dos planetas. 2) Uma linha imaginária que una o centro do Sol ao centro de um planeta percorre áreas iguais num período de tempo determinado. Portanto, os planetas se movem mais rapidamente quando se acham mais perto do Sol. 3) Os quadrados dos períodos de dois planetas são proporcionais aos cubos de suas distâncias médias do Sol. Construiu modelos matemáticos para essas “*três leis*”, mas a explicação física delas teve que esperar pela “*Lei de Gravitação Universal de Newton*”. Kepler também fez descobertas em Ótica, Física geral e Geometria.

René Descartes (1.596-1.650), filósofo e matemático francês, um dos fundadores do racionalismo, converte a dúvida em método. Começa duvidando de tudo e rompe essa cadeia de dúvidas diante do seu próprio ser que duvida: se duvido, penso, se penso, logo existo. Ele coloca a

questão do método como ponto de partida para filosofar (“dúvida metódica”). A matematização e experimentação da Física serviram de modelos às ciências. O mecanicismo começou por comparar a natureza e o próprio homem a uma máquina, um conjunto de mecanismos cujas leis precisam ser descobertas.

Evangelista Torricelli (1608-1647), matemático e físico italiano, colaborador e sucessor de Galileu, descobriu o princípio do barômetro. Introduziu aperfeiçoamentos no microscópio e no telescópio. Escreveu *Ópera Geométrica*.

Blaise Pascal (1623-1662), matemático, físico, filósofo e homem de letras francês. Como menino prodígio, aos 12 anos trabalhava por conta própria com base nos *Elementos* de Euclides. Para ajudar o seu pai, desenvolveu uma calculadora mecânica, a primeira a ser construída. Também realizou e descreveu experiências relativas à hidrostática e à natureza do vácuo, inventou a seringa e a prensa hidráulica.

Isaac Newton (1642-1727), cientista inglês, foi responsável pela Teoria da Gravitação Universal, englobando as *Leis Planetárias de Kepler* e a da *Queda dos Corpos de Galileu*, sendo considerado o primeiro exemplo de teoria científica encontrado na Ciência moderna. Através de diversas pesquisas, conseguiu deduzir as *Leis da Gravitação Universal*, pelas quais “a força de atração é proporcional às massas e inversamente proporcional ao quadrado das distâncias”. Newton parte do método indutivo, ou seja, de que através de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas.

Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), filósofo, matemático e inventor alemão, desenvolveu estudos sobre a *Série Contínua* e as *Leis do Movimento*. Construiu uma máquina de calcular e foi um dos criadores da geologia. Aperfeiçoou o sistema de números binários e propôs as bases da topologia geral.

A **Revolução Industrial**, a partir do século XVIII, primeiramente introduzida na Inglaterra e depois se estendendo para outros países, transformou substancialmente as relações de produção, propiciando a formação da indústria manufatureira e mudando de rural para urbana a economia desses países. Como seria de se esperar, tal transformação gigantesca nas relações de trabalho, nas relações sociais, enfim, na economia desses países, propiciou uma enorme ampliação, em progressão geométrica, também das Ciências.

Mas esse processo de agigantamento produtivo, essa expansão econômica, essa ampliação científica a partir da Revolução Industrial aconteceu de forma contraditória: a industrialização, impulsionada pelo enorme acúmulo de capitais ocorrido pela exploração comercial da Inglaterra às suas colônias, ao mesmo tempo que trouxe tantos benefícios econômicos, sociais, científicos, produziu

enorme desemprego de mão-de-obra, fomentado, que foi, principalmente, pela divisão internacional do trabalho e pela máquina substituindo o homem na produção. A Revolução Industrial produziu outros inconvenientes: a exploração econômica da mão-de-obra assalariada tomou proporções alarmantes, tanto em relação ao salário, quanto em relação à quantidade de horas em que os operários eram obrigados a trabalhar para dar o mínimo de sustento às suas famílias; some-se a isso a poluição ambiental, a destruição do meio ambiente, a produção de armamentos, entre outros.

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), filósofo social e político franco-suíço, estabeleceu a possibilidade e forma ideal de conciliar o indivíduo com as exigências da sociedade complexa: descreveu os efeitos corruptores da sociedade sobre o homem, os quais, acreditava serem originalmente bons; a propriedade privada e a divisão do trabalho teriam criado uma desigualdade artificial e uma falsa moralidade. Em *Do Contrato Social*, Rousseau afirmou que a única forma de salvação das pessoas seria abrir mão de todos os seus direitos em favor de um Estado soberano, no qual cada uma delas fosse um dos membros da legislatura (uma forma de democracia direta e não de uma democracia representativa).

Adam Smith (1723-1790), filósofo e economista escocês, fundador da Economia Clássica. Sua principal obra é a *“Pesquisa sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações”* constitui um estudo sobre a ruptura com os modelos mercantilistas e da fisiocracia e destaca a importância da indústria manufatureira e a agricultura. Afirmou que as atividades produtivas são fundamentais para a prosperidade. Quanto maior o mercado, mais extensa é a especialização das atividades produtivas e a divisão do trabalho. Com a livre concorrência, com as vantagens pessoais dos bem-sucedidos, haveria a *“mão invisível”* do mercado para a maximização do bem-estar da sociedade.

Immanuel Kant (1724-1804), filósofo alemão, professor de Lógica, teve problemas com as autoridades da época, em virtude de divergências entre seus ensinamentos e o luteranismo ortodoxo. Kant procurou superar a oposição entre o racionalismo cartesiano e o empirismo, representado principalmente por Hume, mostrando como o conhecimento envolve, necessariamente, tanto a experiência (posição empirista) quanto a aplicação de conceitos metafísicos que não derivam da experiência (posição mais próxima do racionalismo). Kant foi sempre interessado pela Ciência newtoniana. Ele questionou se é possível uma *“razão pura”* independente da experiência. Seu método era conhecido como criticismo, sempre condenando os empiristas.

Antoine Laurent Lavoisier (1743-1794), cientista francês, considerado o pai da Química moderna. Descreveu a verdadeira natureza da combustão e introduziu métodos rigorosos de análise e desenvolvimento de uma nova e racional nomenclatura química.

James Parkinson (1755-1824), cirurgião e paleontólogo inglês. Foi autor de *Um Ensaio sobre a Paralisia de Tremor* (1817), descrevendo o mal de Parkinson (doença cerebral degenerativa, que se caracteriza por um tremor incontrolável nos lábios e nas mãos, andar cambaleante e rigidez muscular).

Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), filósofo alemão que desenvolveu a filosofia idealista de Kant de forma modificada e para quem a dialética é a forma de interação de conceitos, na qual uma idéia (tese) entra em contradição com outra (antítese), daí resultando uma terceira (síntese), que supera a contradição original e é mais completa e mais próxima da verdade do que suas antecessoras. Em sua obra *A Fenomenologia do Espírito*, considera o mundo como a evolução do espírito na direção de uma crescente racionalidade, à medida que esse espírito atingia graus nunca antes alcançados de consciência de si, processo esse que deveria ser entendido como dialético, diferente do método dedutivo.

Samuel Morse (1791-1872), cientista norte-americano, desenvolveu o primeiro telégrafo elétrico e inventou o código morse.

Auguste Comte (1798-1857), filósofo francês, considerado um dos fundadores dos estudos sociológicos. Formulador do positivismo, Comte afirmava que a sociedade devia ser vista como um organismo, em que cada parte tem uma função específica e contribui para o funcionamento do todo. Tentou igualar os métodos das Ciências Sociais aos das Naturais.

John Stuart-Mill (1806-1873), inglês, foi o grande filósofo da indução. Propôs uma série de procedimentos indutivos de indiscutível utilidade para a pesquisa experimental.

Charles Darwin (1809-1882), cientista inglês, elaborador da teoria da seleção natural das espécies, aplicando o método hipotético-dedutivo, baseado na leitura do livro de Thomas Robert Malthus sobre sociologia e economia.

Karl Marx (1818-1883), filósofo, cientista social e economista alemão, que desenvolveu o conceito de materialismo dialético. A partir dos conceitos de Hegel, desenvolveu a dialética voltada para a contradição entre as classes dominantes (tese) e as classes dominadas (antítese), que culminaria na síntese (negação da negação), com a vitória das classes dominadas e extinção das dominantes.

Muitas das ciências sociais – especialmente a Sociologia – têm sido influenciadas pelas suas teorias. Além de outras obras escritas, sua principal obra é *O Capital*, tendo levado 30 anos para concluí-la; constitui um tratado de Economia Política, analisando, profundamente, os fatores intervenientes no início do capitalismo do final do séc. XIX, principalmente na Inglaterra, e propondo soluções para as contradições conseqüentes do processo produtivo, propondo a inevitável tomada do poder político e econômico pelo proletariado.

Louis Pasteur (1822-1895), bacteriologista francês, destacou-se, dentre outras coisas, por: pesquisar e sugerir que os microorganismos podiam ser a causa de muitas doenças, o que influenciou enormemente Lister em seu trabalho sobre anti-sepsia; criou o processo de pasteurização para eliminar as bactérias do leite e desenvolveu vacinas contra a cólera da galinha e o antraz; desenvolveu vacinas imunizadoras contra a raiva.

Alfred Russel Wallace (1823-1913), naturalista e explorador britânico que se tornou famoso por haver chegado, independentemente, às mesmas conclusões de Charles Darwin sobre a evolução das espécies; lançou as bases para o estudo da geografia animal.

Em 1844, efetuou suas primeiras experiências com o espiritualismo, com o mesmerismo, e obteve muito sucesso. Trabalhou, em 1866, com a médium srta. Nichols, e posteriormente com a sra. Guppy, com materializações.

William Crookes (1832-1919), inglês, um dos maiores físicos do século passado, descobridor do elemento químico Tálio e de aparelhos como o radiômetro, o espintariscópio para o estudo de partículas subatômicas, o tubo de Crookes, que posteriormente levou à descoberta dos raios X e do elétron. Presidente diversas vezes da Royal Society de Londres, fez experiências com Daniel D. Home e Florence Cook, ambos médiuns de efeitos físicos.

Alfred Bernhard Nobel (1833-1896), químico sueco, inventor da dinamite e criador dos prêmios Nobel, instalou fábricas deste explosivo por todo o mundo, tornou-se um dos homens mais ricos do planeta. No final da vida teve sérios problemas emocionais, sofria de sentimento de culpa por ter criado a dinamite, utilizada muito mais para a guerra do que para a paz.

William James (1842-1910), filósofo norte-americano, pioneiro da Psicologia, ministrou o primeiro curso de Psicologia do mundo, em 1875, na Universidade de Harvard; a sua obra *Princípios de Psicologia* (1890) é um dos clássicos da disciplina, e trata, entre outras coisas, dos fenômenos da emoção, da consciência e do *self* (o ego ou "eu", a totalidade e unidade de seus processos mentais). Afirmou que as alterações corporais, que são respostas instintivas aos acontecimentos, são as causas das emoções e que a consciência é um processo ou fluxo contínuo, em permanente modificação, e que não conheceu nenhum tipo de estado constante, mais ou menos recorrente.

Concluiu, por suas observações, não ser necessário demonstrar que todos os médiuns fossem autênticos, mas bastava encontrar um autêntico para provar que a autenticidade da mediunidade existia, como no caso da senhorita Leonore E. Piper, "descoberta" por ele.

Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900), filósofo alemão, crítico contundente de concepções religiosas e éticas da vida. Destacou-se pela extraordinária qualidade literária de seus escritos, sempre de conteúdo filosófico. Para ele, a autoridade deveria ser exercida pelos poderosos; o ideal de Nietzsche, o *super-homem*, é o homem impulsivo

que aprende a controlar suas paixões e a usá-las de maneira criativa. Atribui-se a ele um reputação injusta como racista, anti-semita e precursor do nazismo.

Camille Flammarion (1842-1925), astrônomo francês, escritor de livros científicos. Influenciou, em muito, os jovens a se interessarem pela Ciência; em 1882 encarregou-se de um observatório astronômico, perto de Paris. Entre outras obras, escreveu *As Maravilhas Celestes e Sonhos de um Astrônomo*.

Foi médium psicógrafo, escrevia sob a assinatura de Galileu. Afirmou que, possivelmente, suas escritas eram recordações de outra vida.

Robert Koch (1843-1910), médico alemão, descobridor do bacilo da tuberculose.

Alexander Graham Bell (1847-1922), cientista e educador norte-americano, inventor do telefone, escreveu artigos referentes ao ensino e educação dos surdos-mudos e a obra *O Mecanismo da Voz*.

Thomas Edison (1847-1931), cientista norte-americano, inventor da lâmpada, do microfone, do mimeógrafo, e outros.

Wilfredo Pareto (1848-1923), economista e sociólogo italiano. Seu trabalho como sociólogo enfatiza o papel das elites nas sociedades e teve influência restrita. Mais importante foi sua contribuição para a teoria econômica: fundiu a "economia da prosperidade" ou economia positiva com a análise do equilíbrio geral, introduzida por Walras. No *Manual de Economia Política*, Pareto procurou demonstrar, de modo preciso, de que forma um sistema de mercados, em funcionamento ideal, gera o máximo de bem-estar social.

Ivan Petrovich Pavlov (1849-1936), fisiologista russo, conhecido por sua pesquisa sobre secreção de glândulas, especialmente do sistema digestivo. Também estudou a atividade do cérebro e o funcionamento dos reflexos. A Psicologia foi influenciada por sua pesquisa sobre o reflexo dos cães.

James Hervey Hyslop (1854-1920), americano, professor de Lógica e Ética da Universidade de Columbia, em New York, um dos maiores pesquisadores psíquicos americanos. Recebeu mensagens mediúnicas de seu pai e parentes, passou a ser o maior propagandista americano da sobrevivência da consciência.

Sigmund Freud (1856-1939), médico, psicólogo e psicoterapeuta austríaco, pioneiro da Psicanálise. Primeiramente, voltou-se ao estudo da histeria, depois estabeleceu a base das teorias psicanalíticas sobre a neurose: os sintomas resultam de um trauma emocional "esquecido" pelo paciente. A memória do evento, contudo, continua a agir no inconsciente, desestruturando os pensamentos e emoções. Deu muita importância às causas sexuais como causadoras de sintomas neuróticos de seus pacientes, baseando-se em suas observações clínicas.

Max Karl Ernst Ludwig Planck (1858-1947), físico teórico alemão, criador da Teoria Quântica, que, juntamente

com a Teoria Geral da Relatividade de Einstein, forma os fundamentos da Física do século XX. Recebeu o Prêmio Nobel de Física, em 1918.

Arthur Conan Doyle (1859-1930), escritor inglês, criador de Sherlock Holmes, o mais conhecido detetive do mundo. Posteriormente, abandonou a ficção para dedicar-se ao estudo do espiritismo: tornou-se profundo conhecedor sobre o espiritualismo e dos médiuns. Era paranormal e psicógrafo. Escreveu vários livros sobre assuntos espirituais.

Albert Schrenck-Notzing (1862-1929), pioneiro alemão da pesquisa psíquica, médico especializado em Psiquiatria, estudou o sonambulismo, a hipnose, telecinesia, teleplastia, materialização, psicocinesia, ectoplasmia. Realizou suas experiências com médiuns e sensitivos, tendo escrito vários livros sobre assuntos relativos a estes vários fenômenos.

Ernesto Bozzano (1862-1943), cientista italiano, profundo pesquisador, não místico, de fenômenos parapsíquicos; escreveu uma grande quantidade de publicações, tratando de assuntos sobre a telepatia, a psicometria, a precognição, a telecinesia, dentre outros.

Oswaldo Cruz (1872-1917), médico, sanitaria e cientista brasileiro, fundador da Medicina Experimental no Brasil, foi o responsável pela erradicação da febre amarela, da varíola e da peste bubônica do Rio de Janeiro. Instituiu, nesta cidade, a campanha de vacinação obrigatória e, como Diretor-Geral da saúde pública, promoveu a reforma do código sanitário do país e remodelou os órgãos de saúde, promovendo um grande avanço no setor.

Guglielmo Marconi (1874-1937), inventor e engenheiro eletrônico italiano, desenvolveu a telegrafia sem fio, inventou o rádio. Ganhou o Prêmio Nobel de Física, em 1909, pelo desenvolvimento da telegrafia sem fio.

A partir da última metade do século XX, com a **Revolução Tecnológica**, a humanidade tem percorrido um itinerário impulsionado por uma série crescente de progressos tecnológicos em todos os ramos da atividade humana: a automação, a produtividade e o crescimento econômico expandiram-se de forma nunca vista e foram amplamente realçados pelo desenvolvimento das pesquisas científicas de ponta, do ensino, da informática, da eletrônica, das indústrias em geral, da agricultura, dos serviços, das comunicações, dentre outros. Como no caso da Revolução Industrial, a mão-de-obra assalariada tem sido maciçamente substituída pelas máquinas: computadores, microcomputadores, aparelhos de alta precisão, aparelhos eletrônicos, máquinas com computadores acoplados, robôs, dentre outros. Esse aumento crescente da tecnologia vai permitindo, cada vez mais, o aperfeiçoamento de máquinas automatizadas, de aparelhos eletrônicos miniaturizados, de computadores de todos os tipos, incluindo os menores e mais baratos, impulsionando as indústrias em geral, o sistema financeiro, as comunicações, a astronáutica. Nos

bancos, diversos serviços vão sendo, mais e mais informatizados, o mesmo acontecendo com as linhas de produção e montagens industriais, onde vários postos de trabalhos vão sendo substituídos pela automação.

Em contrapartida, as novas atividades originadas a partir da Revolução Tecnológica vão proporcionando o surgimento de novas categorias de profissionais, cuja principal característica constitui o domínio das tecnologias surgidas na atualidade. Mas isso não tem sido suficiente para a absorção da mão-de-obra desempregada. Como na Revolução Industrial, a tecnologia de ponta vem criando, em grandes proporções, os seus desequilíbrios contraditórios, ou seja, seus benefícios e malefícios a perder de vista: aumento das facilidades e comodidades conseqüentes da tecnologia em oposição aos incômodos do desemprego, da poluição, da invenção de armamentos sofisticados, do lixo atômico, do lixo espacial, dentre outros. Mas como aconteceu com a Revolução Industrial, a Revolução Tecnológica é irreversível, não tem volta.

Todo esse processo tem levado a maioria dos países do planeta a terem os serviços sobrepujado as atividades industriais quanto à participação na economia.

A **Globalização**, também de caráter inevitável, tem se expandido num ritmo frenético, incluindo uma série de modificações mundiais, conseqüentes da alteração e integração dos mercados explorados pelas grandes corporações transnacionais. O desenvolvimento tecnológico da informação tem agilizado, aceleradamente, o comércio e as transações financeiras entre países: as descobertas científicas neste campo (computadores, telefone, televisão, satélites) passam por transformações rapidíssimas e os ciclos das "alterações tecnológicas" têm diminuído, tornando difíceis quaisquer prognósticos precisos a respeito do que ocorrerá, mesmo a curto e médio prazo. O que se percebe é que tudo, no campo do conhecimento, da pesquisa científica, das descobertas científicas, enfim, da expansão da tecnologia, tem caminhado em ritmo de crescimento exponencial, de forma rápida, acentuada, numa corrida frenética, dentro da contradição básica da difusão gigantesca dos inumeráveis benefícios e malefícios para o nosso planeta Terra.

As equipes extrafísicas, com certeza, têm atuado na reurbanização desta avalanche de conseqüências aélicas negativas produzidas pela tecnologia de ponta. A influência da reurbanização extrafísica efetuada por consciências mais evoluídas (*Homo sapiens serenissimus* e *consciência livre*) ainda tem muito o que ser pesquisado, analisado, corretamente entendido. Isto sem falar em tudo o que o extrafísico, sem dúvida, tem contribuído para as próprias descobertas científicas, aqui no nosso planeta, aqui no intrafísico. Há muito ainda o que ser pesquisado sobre os cursos intermissivos, onde pensadores, cientistas, conscienciólogos, têm dado suas contribuições decisivas para o progresso moral, filosófico, científico e consciencial da humanidade, quando ressomam por aqui, já

determinados a cumprir suas proéxis (programações existenciais).

Bertrand Russell (1872-1970), filósofo e matemático, o mais representativo e influente pensador inglês do séc. XX, conhecido pelas campanhas de paz e do desarmamento. Reagiu contra o idealismo dominante no final do séc. XIX e restabeleceu a tradição empirista. Introduziu as "ferramentas" da Lógica Matemática para a Filosofia empirista da Inglaterra. Recebeu o Prêmio Nobel da Literatura, em 1950.

Albert Einstein (1879-1955), físico e matemático alemão cuja Teoria da Relatividade mudou as idéias sobre o espaço, o tempo e a natureza do universo. Utilizou a Teoria Quântica para explicar o efeito fotoelétrico, recebendo por isso o Prêmio Nobel de Física de 1921. Em 1905, apresentou a Teoria da Relatividade, descrevendo os efeitos do movimento na forma de valores observados de comprimento, massa e tempo. A massa, m , é equivalente à energia, E , conceito expresso pela equação $E=mc^2$, onde c é a velocidade da luz. Essa é a base de todos os cálculos da energia liberada por reações nucleares.

Waldo Vieira¹ assim se refere ao conceito de espaço-tempo, segundo Einstein: "... mudou a visão de simetria tridimensional para a quadridimensional, na relatividade restrita, e quadridimensional curva na relatividade geral, onde esta se curva para outra qualquer dimensão desconhecida, e onde quanto maior o campo gravitacional, mais curvo o espaço-tempo e mais lento o fluxo do tempo ...".

Alexander Fleming (1881-1955), bacterologista escocês, desenvolveu a penicilina.

John Maynard Keynes (1883-1946), economista inglês, fundador da moderna macroeconomia, constituída a partir da obra "*A Teoria Geral do Emprego, Juros e Moeda*". Argumentava contra os economistas clássicos e neoclássicos: uma economia de mercado não tende invariavelmente à condição de pleno emprego dos recursos.

Ludwig Wittgenstein (1889-1951), austríaco, um dos filósofos mais importantes do séc. XX, aproximou-se da Filosofia através de seu interesse pela Matemática. Concluiu que o sucesso das tentativas de basear a Matemática em princípios lógicos era prejudicado pela incompreensão da natureza dos princípios lógicos. Suas idéias exerceram grande influência sobre os chamados *positivismo e filosofia da linguagem comum*.

Martin Heidegger (1889-1973), filósofo alemão, discípulo de Husserl, deu continuidade ao desenvolvimento da fenomenologia e influenciou bastante o pensamento existencialista, particularmente de Jean-Paul Sartre; foi crítico feroz da sociedade tecnológica. Para ele, o ser humano é, antes de tudo, vontade, dispõe de livre arbítrio e pertence a um universo que só adquire significado a partir da reflexão.

Leonid Leonidovich Vasiliev (1891- ?), professor

de Fisiologia da Universidade de Leningrado, autor de muitos artigos científicos, um dos pioneiros no estudo da Parapsicologia na antiga União Soviética, grande especialista em telepatia. Escreveu vários livros sobre a Parapsicologia.

Joseph B. Rhine (1895- ?), americano, condensou seus estudos com o nome de Parapsicologia, utilizando a linguagem estatística, e seus métodos foram aprovados em dois congressos de Matemática. Classificou os fenômenos em objetivos e subjetivos. Fenômenos objetivos: introduz a psicocinesia. Fenômenos subjetivos: introduz a telepatia, a clarividência e a precognição.

Jean Piaget (1896-1980), matemático, biólogo, filósofo, psicólogo e pedagogo suíço, responsável pela mais abrangente teoria sobre o desenvolvimento intelectual (cognitivo). Especializou-se em psicologia infantil, quando compreendeu que as habilidades intelectuais evoluem apenas lenta e gradualmente na criança.

Herbert Marcuse (1898-1979), filósofo alemão radicado nos Estados Unidos, um dos inspiradores da revolta estudantil de 1968 na França, Estados Unidos e Alemanha. Para ele, o proletariado dos países desenvolvidos, é beneficiado pelo sistema capitalista e é interessado na sua conservação. Atribuiu às camadas marginalizadas e aos povos do terceiro mundo o potencial revolucionário para derrubar o capitalismo e construir uma sociedade sem exploração do homem pelo homem.

Linus Pauling (1901-1994), químico norte-americano ganhador do Prêmio Nobel de Química, em 1954, e o de Paz em 1962. Em a *Natureza da Ligações Químicas e a Estrutura de Moléculas e Cristais* (1939), demonstrou leis que regem a estabilidade do átomo. Sua pesquisa sobre a estrutura molecular revolucionou a Química inorgânica e a Bioquímica. Ganhou o Prêmio Nobel da Paz por sua luta contra a proliferação de armas atômicas, contra os testes nucleares e pela redução do arsenal nuclear.

Karl Raimund Popper (1902-1994), filósofo austríaco, sustentou que a Ciência avança numa escala evolutiva e que, a qualquer momento, uma teoria pode ser superada por outra; negou o método indutivo, defendendo o método hipotético-dedutivo, onde as conjecturas teóricas teriam que ser refutadas pelos cientistas através de experimentos. A Ciência progrediria, não pela verificação da correção das teorias, mas por falsificação, ou a eliminação das teorias refutadas pelos testes experimentais.

Jean Paul Sartre (1905-1980), filósofo, romancista e dramaturgo francês, desenvolveu o pensamento existencialista de Heidegger, cuja base principal é a liberdade individual do ser humano. Defensor ateu de uma existência humana irracional e subjetiva, seu lema era "a existência é anterior à essência". Durante a Segunda Guerra Mundial fez parte da Resistência e foi um dos fundadores do movimento Socialismo e Liberdade.

Albert Sabin (1906-1993), cientista polonês,

naturalizado norte-americano, criador da vacina contra a poliomielite.

Willard Frank Libby (1908-1980), químico norte-americano que desenvolveu a técnica de datação por meio de carbono radiativo para determinar a idade da matéria orgânica. Foi agraciado com o Prêmio Nobel de Química em 1960.

Hernani Guimarães Andrade (1916-), engenheiro eletrônico, pesquisador e cientista brasileiro, fundador do Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiológicas. Bastante atuante na Física teórica e laboratorial, construiu a Teoria do Modelo Organizador Biológico, em 1958, a qual foi reapresentada pelos trabalhos de Rupert Sheldrake, como Modelo de Ressonância Mórfica. Construiu vários aparelhos para comprovar a sobrevivência da consciência após a morte física. Construiu e testou, com êxito, o Tensionador Magnético, demonstrando a sua Teoria do Encurvamento do Espaço Tridimensional (para o hiperespaço), com campos magnéticos. Outros assuntos pesquisados por ele: reencarnação de crianças; *poltergeist*; aparelhagens para a transcomunicação; etc.

César Lattes (1924-), físico brasileiro de renome internacional, descobridor do méson pesado, a quinta partícula elementar da matéria, que mantém unidos os prótons e nêutrons do átomo e explica a sua estabilidade. Em 1978, recebeu da Organização dos Estados Americanos (OEA) o Prêmio Bernardo Houssay por sua contribuição ao progresso da Física.

Sílvio Ravaldini (1925-), italiano, pesquisador do parapsiquismo, atual editor e diretor da revista *Luce e Ombra*, é organizador e responsável pela Biblioteca Bozzano - De Boni e do Arquivo de Documentação da Pesquisa Psíquica de Bologna.

Michel Foucault (1926-1984), historiador e filósofo francês, investigou as origens dos conhecimentos e das formas de controle político que se incorporaram à vida moderna ocidental, pretendendo demonstrar o caráter arbitrário das idéias e práticas sociais. Para ele, tais idéias e práticas não têm fundamento racional. Preocupou-se muito com as Ciências Humanas, dando especial atenção às disciplinas e métodos de aplicação prática, como a Medicina, a Psicologia e a Administração da sociedade.

Newton Afonso Carneiro da Costa (1929-), filósofo e matemático brasileiro, um dos nomes mais importantes da Lógica contemporânea. É o criador de uma Lógica que admite contradições. Na Física, por exemplo, as partículas atômicas, em determinadas circunstâncias, não se comportam como partículas, mas como ondas. A lógica **paraconsistente**, ao contrário da lógica clássica, foi criada para tratar de problemas contraditórios como este.

Waldo Vieira (1932-), brasileiro, médico, odontologista; universalista, pesquisador e cientista da consciência, criador da teoria líder, o Paradigma Consciencial, que fundamenta a Ciência Conscienciologia; projetor consciente e parapsíquico, pesquisa a consciência

e suas manifestações fora do corpo físico há quase 30 anos. É presidente do IIPC - Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia; faz parte do Conselho de Ética do CEAEC - Centro de Altos Estudos da Consciência; é membro das principais instituições internacionais e nacionais de pesquisa do parapsiquismo. Já publicou inúmeros livros sobre Projeciologia e Conscienciologia, possuindo uma das maiores bibliotecas do mundo sobre estes assuntos.

William Stephen Hawking (1942-), físico teórico inglês, catedrático na Universidade de Cambridge. Sua obra tem se concentrado em diversos aspectos da Cosmologia, como os buracos negros e a teoria do *Big Bang* sobre as origens do universo. Suas publicações, de alcance popular, têm sido muito bem recebidas pelo público, como *Uma Breve História do Tempo* (1988). Suas teorias baseiam-se em uma combinação de mecânica quântica e relatividade.

William Henry Gates, ou Bill Gates (1955-), pesquisador e empresário norte-americano, fundador da Microsoft, empresa de software. Abandona a Universidade de Harvard para se dedicar à informática com Paul Allen e desenvolve softwares a partir de 1967. Em 1975, cria o programa Basic que facilita a introdução do primeiro computador fabricado neste mesmo ano. Funda a Microsoft, em 1980, e desenvolve o MS-DOS para a IBM. Em 1985, desenvolve o Windows.

2. Metodologias Científicas

O termo método provém do grego *méthodos*, ou caminho para se chegar a algum fim. Metodologia é o "programa que regula previamente uma série de operações que se devem realizar, apontando erros evitáveis, em vista de um resultado determinado"². O que nos interessa é o estudo dos métodos e, especialmente, dos métodos da Ciência. Ser científico, portanto, é seguir um método.

Se nos propomos a fazer alguma coisa, o ato é precedido de inúmeras antecipações mentais pelas quais nos organizamos, para que o acontecimento tenha o sucesso esperado. Quando executamos, freqüentemente, a mesma ação, desenvolvemos artifícios novos e formas que facilitam o trabalho. Essas antecipações mentais são formas de racionalização do agir, de modo a adequar os meios aos fins, impedindo que sejamos guiados apenas pelo acaso.

Na Idade Moderna, a Filosofia passou a se preocupar com as questões do **conhecer** em oposição ao seu enfoque anterior com os problemas do **ser**.

René Descartes partiu da busca de uma verdade primeira que não podia ser colocada em dúvida. Por isso, converte a dúvida em método: começou duvidando de tudo, das afirmações do senso comum, dos argumentos das autoridades, do testemunho dos sentidos, das informações da consciência, das verdades deduzidas pelo raciocínio, da realidade do mundo exterior e da realidade do seu próprio corpo. Descartes só interrompe essa cadeia de dúvidas diante de seu próprio ser que duvida. Se duvido, penso;

“*cogito ergo sum*”: se penso, logo existo.

Descartes, pois, coloca a questão do método como ponto de partida para filosofar. A “dúvida metódica” é um artifício que demole todo o edifício construído e pretende recomeçar tudo de novo. O cartesianismo, parcialmente, tem servido à Ciência, que rompeu com a Filosofia e saiu em busca de seu próprio método. A matematização e a experimentação da Física serviram de modelos às ciências, que foram se tornando autônomas.

O método experimental parte da observação rigorosa e precisa dos fatos, orientado para a devida explicação dos mesmos, e da coleta de dados, selecionando os mais relevantes para a solução de determinado problema.

A partir daí, é construída a **hipótese**, que propõe uma determinada solução e tenta explicar os fenômenos de forma provisória. O termo hipótese provém do grego *hypó*, debaixo de, e *thésis*, proposição. Hipótese, portanto, é o que está suposto. A hipótese é um processo heurístico, de descoberta (*insight*). Mas hipótese não é misteriosa, apesar de intuitiva, ela foi precedida e preparada por uma longa elaboração. A hipótese, para ser científica, deve ser passível de verificação.

Formas de raciocínio usadas para a hipótese:

a) **Indutiva** – generalização de casos diferentes e particulares. Exemplo: vejo mil cisnes e verifico que todos eles são brancos. Induzo, na base dessa amostra de mil, que todos os cisnes deverão ser brancos. Vê-se que a conclusão passa de mil (fato seguro) para todos (incerto). Essa passagem é o salto indutivo.

b) **Dedutiva** – idéias devem ser feitas através de dedução lógica de premissas de valores universais, do geral para o particular. A informação da conclusão já estava, pelo menos implicitamente, nas premissas. Exemplo: todos os cisnes são brancos. Ora, este animal é um cisne. Conclusão: logo, este animal é branco.

c) **Hipotética-dedutiva** – formulação de hipótese e verificação das conseqüências que são tiradas dela. O método científico parte de um problema ao qual se oferece uma espécie de solução provisória com vistas à eliminação do erro. O problema surge de conflitos frente a expectativas e teorias existentes. A solução vai consistir numa conjectura, ou numa nova teoria. Os testes de falseamento já são tentativas de refutação e corroboração.

d) **Analogia** – relação de semelhanças entre fenômenos.

e) **Dialética** – ação recíproca, quando tudo se relaciona. Mudança dialética, negação da negação, quando tudo se transforma. Passagem da quantidade para a qualidade. Interpenetração dos contrários. Contradição. Luta dos contrários.

Alguns métodos científicos usados pelas ciências sociais:

a) **Histórico** – investiga acontecimentos, processos e

instituições do passado.

b) **Comparativo** – estuda as semelhanças e diferenças entre diversos tipos de grupos, sociedades e povos.

c) **Monográfico** – parte de qualquer caso que se estude em profundidade e pode ser considerado representativo de muitos outros, ou até de todos os casos semelhantes.

d) **Estatísticos** – não exatos, permitem obter conjuntos complexos, representações simples e a verificação da existência de relações entre si.

e) **Tipológico** – compara fenômenos sociais complexos e cria tipos ou modelos ideais, construídos a partir de análises de aspectos essenciais dos fenômenos.

3. Metodologia Conscienciológica

A Conscienciológica tem-se utilizado e continuará a usar seus próprios métodos de investigação: os métodos da Conscienciológica não têm se restringido aos modelos clássicos das Ciências Convencionais, não deixando, porém, de aplicar a racionalidade científica. Embora os métodos de investigação da Conscienciológica apresentem diferenças em relação aos das Ciências Convencionais, isso não implica no abandono de toda uma gama de conhecimentos úteis, com as devidas adaptações, desenvolvidos pelas Ciências, em séculos de história.

Os pesquisadores conscienciais realizam seus auto-experimentos de forma flexível, nunca se prendendo a normas rígidas, restritivas, limitadas. Tais pesquisadores partem destes auto-experimentos, analisando-os de forma racional, lúcida, utilizando-se da metodologia científica fundamentada no Paradigma Consciencial.

A “produção” científica tem muito de inspiração, de trabalho persistente, de razão: ao não se prender a métodos rígidos de investigação, o pesquisador consciencial permanecerá tendo um certo grau de autonomia para a sua “criação” científica, sem porém deixar de manter o rigor científico ao formular suas idéias. Tais métodos, na verdade, não constituem uma restrição ou cerceamento à inventividade do pesquisador. Eles estão presentes na Conscienciológica, baseados no Paradigma Consciencial, e apoiam o desenvolvimento das pesquisas.

A consciência humana, por se situar além da matéria, necessita ser estudada e pesquisada de forma diferente: ela sobrevive de maneira contínua nas suas várias dimensões de manifestação, expandindo significativamente seus atributos, quando fora do restringimento físico, quando fora da dimensão intrafísica; há graus diferentes de auto-experimentações da consciência nas várias dimensões acessadas, aumentando, por exemplo, a sua possibilidade de perceber a memória integral, confirmando suas múltiplas existências. O “laboratório experimental” para o estudo da consciência é o produto mais da auto-análise, da auto-observação, da auto-pesquisa, da introspecção. O **Método Introspectivo**, ou a observação interior das vivências pelo próprio sujeito, é o mais adequado para o estudo da

consciência, abandonado pela Ciência Tradicional com o advento da Revolução Científica por não atender ao critério da verificabilidade científica da época.

As pesquisas produzidas em Conscienciologia, pela criação e investigação de seus pesquisadores e conforme seus **métodos (introspectivos)**, baseiam-se na multidimensionalidade, na projetabilidade lúcida, na auto-investigação, acesso à memória integral, auto-percepção, na compreensão maior do que seja a consciência.

É de se supor que a cientificidade da Conscienciologia será aceita mais amplamente a partir de metamorfoses dialéticas a se instalar no próprio seio da mentalidade científica tradicional, quando estiver amadurecida para compreender e reconhecer o Paradigma Consciencial. A Conscienciologia tem se firmado consistentemente e há de se firmar ainda mais, inspirada também na razão e no método, mas através de outro tipo de razão e de método, o que contribuirá decisivamente para ser aceita como Ciência. Tal aceitação não se baseará nos mesmos padrões do método e da razão de Descartes: haverá, pois, um salto qualitativo para se atingir um patamar superior, mais abrangente quanto à aplicação de um novo método e de uma mais qualificada espécie de razão. O devido reconhecimento da Conscienciologia como científica somente será concretizado se a Ciência Tradicional deixar de ter paradigmas tão restritivos, aceitando o Método Introspectivo voltado à multidimensionalidade, supondo-se que venha a ampliar seus horizontes a partir de uma ampla movimentação e transformação de fatores racionais. Supõe-se que esta transformação resultará no reconhecimento da Conscienciologia como científica, admitindo como real as múltiplas dimensões de manifestação da consciência, os múltiplos fenômenos parapsíquicos, o devido entendimento da evolução consciencial, a maior compreensão do que seja a própria consciência humana.

4. A Ciência Convencional

A Ciência não deixa de ser de utilidade social, é uma forma especial de conhecimento da realidade objetiva e subjetiva, e etimologicamente provém do latim *scientia*, significando conhecimento. A Ciência constitui um conjunto de atividades racionais, dirigida ao conhecimento sistemático, com objetivo limitado, capaz de ser submetido à verificação.

A descoberta do método científico, no século XVII, aumentou a confiança de a Ciência conhecer os segredos da natureza. Esta confiança tem-se baseado na profunda crença na ordem e racionalidade do mundo.

Didaticamente, as Ciências podem ser subdivididas em **formais** (lógica e matemática); **naturais** (física, química e biologia); **sociais** (direito, economia, administração, psicologia, sociologia).

A Ciência pode ser analisada a partir de dois fundamentos básicos, quais sejam: a Ciência disciplina (tal

qual é ministrada pelo professor a seus alunos) e a **Ciência processo** (Ciência em vias de fazer-se, com seus procedimentos de investigação e divulgação de seus resultados).

Também se torna necessário fazer a devida distinção entre a Ciência propriamente dita (tal como é praticada pelos cientistas) e o **senso** comum (em que os leigos usam suas observações no dia-a-dia). Mattalo Júnior³ dá-nos uma excelente definição de senso comum: "... é um conjunto de informações não-sistematizadas que aprendemos por processos formais, informais e, às vezes, inconscientes, e que incluem um conjunto de valorações. Essas informações são, no mais das vezes, fragmentárias e podem incluir fatos históricos verdadeiros, doutrinas religiosas, lendas ou partes delas, princípios ideológicos às vezes conflitantes, informações científicas popularizadas pelos meios de comunicação de massa, bem como a experiência pessoal acumulada. Quando emitimos opiniões, lançamos mão desse estoque de coisas de maneira que nos parece mais apropriada para justificar e formar os argumentos aceitáveis".

Como bem lembra Bertland Russel³: "o método científico, apesar de sua simplicidade essencial, só é empregado por uma fração insignificante de pessoas para resolver uma fração insignificante de assuntos ..."

Segundo Waldo Vieira⁴, assim é explicado o conhecimento comum: "conjunto desagregado de idéias e opiniões difusas e dispersas que fazem parte de um pensamento genérico de época ou certo ambiente popular. É também chamado de senso comum histórico, mas tendo seu núcleo racional e prático".

Embora não seja próprio dos filósofos da Ciência propor definições da mesma, Newton Freire Maia³ assim se expressa: "Há diferentes conceitos de ciência. Colocando de lado as preocupações epistemológicas de alto nível e usando os elementos básicos aqui referidos como característicos da ciência-disciplina e da ciência-processo, podemos apresentar uma tentativa simplificada e tosca de definição: ciência é um conjunto de descrições, interpretações, teorias, leis, modelos, etc., visando ao conhecimento de uma parcela da realidade em contínua ampliação e renovação que resulta da aplicação deliberada de uma metodologia especial (metodologia científica)".

Waldo Vieira⁴ assim explica o conceito de Ciência Convencional: "conjunto de postulados que compõem o paradigma newtoniano-cartesiano mecanicista ou fisicalista, dos esforços científicos, agora a caminho do esgotamento conforme se evidencia nas conseqüências trágicas da tecnologia atômica, do belicismo e da poluição (antiecologia). Seu ponto alto está na exigência da refutação lógica, permanente, de suas verdades relativas. Humanamente abordada, é o maior feito do ser intrafísico considerada de modo coletivo. O fato científico (*science faction*) é bem diferente da ficção científica (*science fiction*)."

A descoberta do método científico, no século XVII,

aumentou a confiança de a ciência conhecer os segredos da natureza. Essa confiança baseava-se na profunda crença na ordem e racionalidade do mundo. Mas a ciência, na verdade, não é um conhecimento certo, infalível, e nem as teorias são o reflexo do real.

A primeira grande teoria conhecida da moderna ciência foi a **Teoria da Gravitação Universal** de Newton, englobando as Leis Planetárias de Kepler e a Lei da Queda dos Corpos de Galileu. E a Teoria da Relatividade de Einstein parte de pressupostos diferentes dos de Newton ao elaborar a Teoria da Gravitação Universal, chegando a conclusões diferentes. Isso não significa o abandono da teoria newtoniana, mas o reconhecimento dos seus limites: sua aplicação se restringe a um determinado setor da realidade; e quando se trata do micro e do macrocosmo, a teoria de Newton mostra-se insuficiente.

A Química, graças a Lavoisier, apareceu como Ciência ao adotar a mesma metodologia da Física.

A primeira Ciência Humana a se desenvolver foi a Economia, no séc. XVIII, quando Adam Smith explicou o funcionamento de um sistema econômico em termos matemáticos, embora ainda com muitos conceitos obscuros.

Outra Ciência Humana surgida no séc. XIX foi a Sociologia, iniciada por Augusto Comte, tentando igualar o método das Ciências Sociais aos das Ciências Naturais. Assim, Comte introduziu o conceito de cientificismo, procurando incluir aí a Sociologia, quando tudo deveria partir de fatos positivos. Em geral, o desenvolvimento das Ciências Humanas, contudo, ocorreu com grandes dificuldades: ora porque só eram considerados científicos os métodos calcados nas Ciências da natureza, ora porque procuravam métodos distintos de tudo o que já se tinha visto. Posteriormente, adota-se para as Ciências Humanas um modelo distinto do paradigma tradicional, pois nem todos os fatos poderiam ser matematizáveis, existindo uma grande dependência de aspectos subjetivos: a perfeita racionalidade do método tradicional não se aplicava às Ciências Humanas devido à grande complexidade dos fenômenos humanos, sejam psíquicos, sociais ou econômicos, com inúmeros aspectos que não podem ser simplificados.

A Economia, por exemplo, ao analisar a lei da oferta e procura, verifica a interferência de uma infinidade de variáveis e, por meios estatísticos, sendo isoladas algumas delas, tudo o mais constante, serão atingidos resultados bem menos palpáveis que os encontrados nas Ciências Naturais. O comportamento humano, na verdade, inclui um grande somatório de influências complexas, tais como o desejo, a inveja, o meio ambiente, os impulsos, a memória, entre outros.

Em função disso, a não repetição perfeita dos fenômenos intervenientes no processo, coloca as Ciências Sociais dentro de um outro paradigma, que não puramente o **newtoniano-cartesiano**: a repetição dos fenômenos podem alterar os seus efeitos, pois nunca uma repetição se

fará sem modificações, já que para o homem, a situação sempre será vivida de maneiras diferentes. Além disso, há uma série enorme de possibilidades que podem ser falseadas pelos indivíduos voluntariamente ou não. E a matematização dos fenômenos humanos são sempre difíceis, imprecisos, quando não impossíveis (fenômenos essencialmente qualitativos): técnicas estatísticas são muitas vezes utilizadas, mas com resultados aproximados e sujeitas a várias interpretações. Também, na natureza, ocorre a regularidade dos fenômenos, contrariando as Ciências Humanas, onde o determinismo esbarra na própria liberdade dos indivíduos.

Houve o veto do positivismo de Augusto Comte à Psicologia, recusando a introspecção em todas as suas formas, como a contemplação ilusória do espírito por si mesmo: "não podemos estar na janela e ver-nos passar pela rua"⁵. Este veto pesou sobre a Psicologia e, apesar dele, a mesma conseguiu se constituir em Ciência. Por influência do positivismo do séc. XIX, surgiu o cientificismo, que, exaltando a ciência como a forma mais adequada de conhecer, critica o conhecimento místico, religioso ou metafísico, por não se fundarem na experiência do fato positivo. O cientificismo positivista não deixa de ser reducionista: reduz o objeto próprio das Ciências à natureza observável, ao fato positivo; reduz a Filosofia aos resultados das Ciências; reduz as Ciências Humanas às Ciências da Natureza.

Newton Freire Maia³ assim explica o conceito de reducionismo: "chama-se reducionismo a tendência de reduzir a explicação dos fenômenos de um dado nível (por exemplo, biológico) à explicação dos fenômenos de níveis inferiores (por exemplo, físico e químico). Emergentismo é a posição dos que advogam que os fenômenos de um dado nível jamais conseguem explicar totalmente os fenômenos de um nível superior, uma vez que, na mudança dos níveis, emergem outras propriedades que requerem novas explicações."

Os primeiros psicólogos, seguindo a tendência naturalista, aplicaram o método das Ciências Naturais às ciências humanas: abandonaram as preocupações filosóficas, como a indagação a respeito da origem, destino ou natureza da alma ou do conhecimento, e voltaram-se a aspectos do comportamento que podem ser verificados experimentalmente (psicologia experimental).

Karl Popper, filósofo da Ciência contemporânea, sustenta que a Ciência progride numa escala evolutiva, e que em qualquer momento uma teoria pode ser superada por outra. Para ele, é imaginação e a criatividade que movem a Ciência, por isso toda Ciência é revolucionária. Popper afirma: "As teorias de Kepler e de Galileu foram unificadas e suplantadas pela teoria logicamente mais forte e mais testável de Newton; e, analogamente, as de Fresnel e Faraday pela de Maxwell. A teoria de Newton e a de Maxwell, por sua vez, foram unificadas e suplantadas pela de Einstein. Em cada um desses casos, o progresso foi no

sentido de uma teoria mais informativa e, portanto menos provável: no sentido de uma teoria que era mais severamente testável porque formulou previsões que, num sentido puramente lógico, eram mais facilmente refutáveis”.

Thomas S. Kuhn afirma que a Ciência progride quanto há vivência intelectual que se manifesta numa tradição de constantes investigações. Sem essa tradição, o cientista fica sem alternativa no momento da crise, isto é, a tradição é importante porque alimenta o debate e as críticas. Kuhn afirma que a contribuição de Copérnico, Newton, Darwin e Einstein deveu-se a crises deflagradas pela insuficiência explicativa das Ciências anteriores e aos problemas apresentados pelos novos tempos, quando se exige a resolução de uma questão pendente, e então a teoria fundamental é ampliada ou substituída: “Os esforços repetidos dos cientistas acabam finalmente por produzir, dentro do âmbito do paradigma, uma solução mesmo para os problemas mais difíceis. Esta é uma das maneiras pelas quais a Ciência avança”⁶.

Por paradigma Kuhn entende os “pontos de vistas estabelecidos”, as “concepções prévias”, as “visões do mundo” dos cientistas que criam resistência a inovações. Essa reação ao novo existe porque os cientistas têm tendência ao dogmatismo.

São denominadas revoluções científicas os episódios extraordinários nos quais ocorre a alteração de compromissos tradicionais. Eles são complementos desintegrados da tradição à qual a atividade da ciência está ligada. Revoluções científicas são episódios de desenvolvimento não-culminativo, nos quais um paradigma é total ou parcialmente substituído por um novo, incompatível com o anterior.

5. A Conscienciologia

A Conscienciologia também tem seguido o seu itinerário histórico, assimilando os reflexos da história da Sociedade Intrafísica e da Sociedade Extrafísica; portanto, a sua dinâmica no tempo se interage com a multidimensionalidade, seguindo o desenrolar do que se verifica com a consciência intrafísica e a consciência extrafísica. Ao vivenciar, analisar e teorizar os múltiplos acontecimentos verificados nas várias dimensões de manifestação da consciência, a Conscienciologia amplia, enormemente, seu campo de abrangência, o que a torna muito mais complexa e menos reducionista que a Ciência Tradicional. Além de outros fatores reducionistas, a Ciência Convencional peca por só se ater à dimensão intrafísica, colocando-se na condição de materialista, pois só percebe o que é material, só se limita à matéria densa, mais palpável, mais perceptível para quem se manifesta com o corpo biológico denso, para quem está encaixado no soma. A Ciência Tradicional, sem negar a sua grande importância, tem atuado limitadamente na história científica ao não incluir, na mesma, as múltiplas dimensões de manifestação da consciência e, só ampliará seus horizontes, quando

conseguir mudar seus paradigmas reducionistas para compreender a realidade multidimensional, muito mais ampla, complexa, ainda a ser vivenciada, explorada, pesquisada e teorizada por uma parcela muito mais ampla da população planetária.

A Conscienciologia estuda a consciência, - de forma integral, holossomática, multidimensional, projetiva, autoconsciente e cosmoética -, não se reduz a si própria, não se confunde com a Ciência Convencional, mas se utiliza de instrumentos desta mesma Ciência, geralmente, de forma adaptada. Naturalmente, a Conscienciologia tem instrumentos que são exclusivamente seus, mas são aproveitados toda uma gama de conhecimentos tradicionais, aplicando a teoria e a vivência que lhes são próprias, para dar forma à sua cientificidade. E, na verdade, toda essa vivência a produzir teoria, e essa teoria a produzir vivência, não deixa de ser particularmente sua, porque na junção da cientificidade tradicional com a Conscienciologia surge a teática (teoria e prática) distinta de tudo o que já havia por aí. A consciência é muito mais que as energias e está acima, é superior aos seus veículos de manifestação (soma, holochakra, psicossoma e mentalsoma), e não se confunde com eles.

A consciência é o que pensa e as suas manifestações só se dão, invariavelmente, através dos pensenes (pensamentos, sentimentos e energias).

A holossomática é o estudo teático do soma (corpo físico), do holochakra (corpo energético), do psicossoma (corpo emocional) e do mentalsoma (corpo mental).

A Projeciologia, que estuda a projeção da consciência para fora do corpo físico (experiência extracorpórea), constitui a aplicação prática e vivenciada da Conscienciologia; estuda as projeções energéticas da consciência (projeções do corpo energético) e as projeções da própria consciência para fora do corpo humano, seja através do psicossoma (corpo das emoções) e do mentalsoma (corpo mental). Quando se projeta de forma consciente e lúcida, são encontradas as condições propícias para a pesquisa da consciência em alto nível.

6. Reflexões sobre a Ciência Convencional

A bem da verdade, a Ciência Convencional tem percorrido seu itinerário evolutivo através de uma contradição básica: ao mesmo tempo que proporciona uma série enorme de facilidades, vantagens, benefícios para a vida humana, animal e vegetal, ela nos dá o desprazer de suas conseqüências negativas, muitas vezes, destruidoras, aéticas: belicismo, poluição ambiental, destruição da flora, da fauna, do ambiente, além de outras conseqüências negativas que se juntam a outras causas, tais como, desemprego, miséria, epidemias, contaminação ambiental.

A Ciência Convencional nasceu do pensamento puro, pensamento que começou a se expandir através de processos filosóficos, históricos, culturais, sociais, econômicos, entre outros.

A luz do pensamento e a da razão foram se iluminando, cada vez mais forte, no transcorrer do tempo, apesar de perder sua intensidade de brilho em certos períodos históricos. Mas na média, tal luminosidade sempre vem percorrendo a sua ascendência evolutiva, apesar desses altos e baixos periódicos.

Para efeitos didáticos, estamos partindo da Grécia antiga como ponto de referência desse aclaramento evolutivo, mas devemos realçar que, bem antes do brilhar dos gregos, muitas luzes já tinham se acendido em várias civilizações e regiões do planeta. Dirigimos nossa atenção, nosso enfoque, para as discussões, os diálogos livres das praças de Atenas, do período pré-socrático, para o período de Sócrates, de Platão, de Aristóteles, de Euclides, de Arquimedes: os debates foram florescendo, foram se avolumando, atingindo os cidadãos das ágoras, foram se expandindo, se perpetuando no tempo, no espaço, na eternidade, foram se rebatendo, se refletindo no transcorrer da história.

Mas será que Da Vinci, Galileu, Descartes, Hegel, Einstein, poderiam ter brilhado sem Sócrates, Platão, Aristóteles? Será que poderia existir a Renascença, o Iluminismo, a Revolução Mercantil, a Revolução Industrial, sem os pensamentos de ponta das fases anteriores?

A Ciência tem percorrido, bem nitidamente, seu percurso histórico, seu itinerário oscilante, seu caminho de altos e baixos, onde o presente depende, muito mais do que se pensa, dos fatos passados. E para a luz da razão ter florescido, ter crescido mais rapidamente, precisou ir vencendo de forma insistente as resistências nefastas do obscurantismo religioso, político e cultural, entre outros.

As sementes do pensamento de ponta foram sendo plantadas em vários períodos históricos, tendo germinado em várias regiões do planeta: germinaram mais intensamente na civilização helênica, depois tiveram uma germinação menos intensa em Roma, que mais por influência de Esparta que de Atenas, preocupou-se mais com a expansão e manutenção de seu vasto império, não dando a devida atenção ao pensamento mais profundo e puro, aquele da Filosofia, aquele da Filosofia-Ciência. Mas, apesar disso e dentre outras coisas, Roma superou a Grécia na Construção Civil, Arquitetura, Direito, e, o que é pior, na "arte" e "ciência" das guerras de conquistas.

As sementes semeadas do saber em vários momentos da História ficaram sem germinar pelo longo período medieval, período de escuridão, de terror anti-científico, e só conseguiram germinar novamente sob a luz da Renascença, do Iluminismo, e progressivamente, na Revolução Mercantil, Revolução Industrial, Revolução Tecnológica.

A Ciência como tal nasceu e cresceu a partir da Filosofia, do conhecimento de ponta, tendo já brilhado antes, a partir de focos de luzes vindos da China, do Egito, da Grécia, entre outros, mas formalizou sua metodologia, definitivamente, a partir de Descartes, que acendeu seus

holofotes para a frente, iluminando todos os momentos históricos seguintes, ganhando mais claridade com Newton, Comte, Kant, Popper, e tantos outros, transfigurando-se para servir às Ciências Sociais. A metodologia científica, no caso das Ciências Sociais, teve que ser adaptada para posturas menos rígidas, menos "exatas", sem precisar se utilizar da Matemática, ou se utilizando pouco dela, passando a não mais se basear só em métodos da Física, deixando de ser mecanicista, produzindo novos paradigmas, metamorfoseando-se para atender aos novos tempos. Porque o que servia para a Física, para a Química, já não podia ser transposto para a Sociologia, para a Economia, para a Psicologia.

Os vários paradigmas das Ciências Convencionais somente conseguem abranger uma parte pequena da realidade conhecida: estes paradigmas não têm como explicar as realidades de outras dimensões de manifestação da consciência ou para compreender e analisar os mais simples fenômenos parapsíquicos, sem falar na enorme limitação de seus postulados para entender a consciência. A Ciência Convencional, sem dúvida, ainda não consegue compreender o que ocorre nas várias dimensões, o que realmente ocorre com a consciência humana. A Ciência Convencional ainda só se restringe, ao explicar a realidade, à dimensão intrafísica.

Então, como esta mesma Ciência, tão tradicional, irá se reestruturar para aplicar sua metodologia neste contexto de experimentações individuais, introspectivas, quase sempre subjetivas, sem a devida mudança de seus paradigmas? Não terá que se metamorfosear para se adaptar aos novos tempos?

Como tais fenômenos e o próprio conceito de consciência irá se tornar científico, aos olhos da Ciência Convencional?

Mas essa mesma Ciência já não transformou em científico tantos e tantos fenômenos individuais e subjetivos das ciências sociais? Essa mesma Ciência já não transformou em científicos fenômenos da Psicologia, da Sociologia, da Economia?

7. Reflexões sobre a Conscienciologia

A partir do Iluminismo e do Mercantilismo, as idéias da razão já tinham entrado, diversas vezes, em rota de colisão com os dogmas obscurantistas da Igreja que, apesar de forte resistência inicial, curvou-se diante de tal realidade histórica, preferindo se metamorfosear para posturas mais condescendentes, enfraquecida que foi, diante de avanços tão maciços e consistentes do *logos* triunfante.

A Conscienciologia foi consolidando e expandindo, coerentemente seus postulados, após essas acomodações históricas da razão, tendo exposto categoricamente, já há algum tempo, a necessidade de uma revolucionária transformação dos paradigmas das Ciências Convencionais, assim como deverá propor novos paradigmas para o aprofundamento analítico das experiências conscienciais,

para as confirmações dos fenômenos parapsíquicos, tudo dentro do contexto multidimensional, multiexistencial, esclarecendo e praticando a cosmoética (moral cósmica), o universalismo, o maxifraternismo, a Projeciologia.

A Conscienciologia estuda a consciência, princípio individual, além do corpo físico, além do cérebro humano, controlando-o e, ao mesmo tempo, estando limitada ao restringimento deste mesmo cérebro. Quando estamos projetados fora deste corpo físico, há uma expansão da consciência, que nos permite ampliar o discernimento do mundo exterior e de nós mesmos, aumentando nosso autoconhecimento, melhorando a compreensão do que constitui a própria consciência. Para a teoria-líder do paradigma consciencial, ou a Conscienciologia, surge a pesquisa da consciência de forma integral, holossomática, multidimensional, bioenergética, projetiva, autoconsciente e cosmoética.

O mundo científico convencional não considera as realidades abrangidas pela Conscienciologia, seguindo seus próprios preceitos, embora continue dando tanto destaque à razão: o Paradigma Convencional ainda encontra dificuldades em compreender profundamente a consciência e de reconhecer aspectos mais subjetivos do indivíduo, fundamentados na autoexperimentação de fenômenos parapsíquicos, de entender, também, os fatores objetivos intervenientes, tão palpáveis, evidentes. Mesmo os modelos científicos mais “abertos”, mais modernos, que têm explicado as Ciências Humanas, ainda não conseguiram se metamorfosear para atingir planos mais elevados: a mudança de paradigma do mundo científico tradicional, somente ocorrerá com um maior arejamento desse mesmo mundo, ainda tão restrito a seus princípios, ainda tão separado das realidades e para-realidades universais, ainda tão refratário ao devido entendimento e análise do que existe além da dimensão intrafísica.

O próprio Kuhn, como já comentado antes, reconhece uma forte tendência dos cientistas convencionais ao dogmatismo. A Conscienciologia também reconhece tal fato e vai mais além, quando esclarece: “o dogmatismo é sempre o principal responsável pela anemia científica”; “as leis científicas, por mais rígidas, são suscetíveis a revisões”; “a história da ciência registra vitórias e progressos, fracassos e erros”; “nenhuma teoria científica pode ser encarada como verdade definitiva”; “em ciência, não há regras técnicas, princípios ou fatos sacralizados”.

Essa amplitude e qualidade não vão permitir, jamais, que a Conscienciologia se feche em si própria, continuando, num nível mais elevado, negando, sempre, o dogmatismo e o reducionismo. A Conscienciologia deverá ser resultante de toda infinidade de conhecimentos úteis produzidos pelos mais diversos campos do saber; continuará evoluindo suas idéias contrárias ao obscurantismo, com sua visão oposta às incertezas do senso comum, das religiões, do exclusivismo de seus próprios conceitos. Será reconhecida como Ciência, também, a partir do seu movimento anterior,

concomitantemente com a movimentação da própria sociedade, sempre refazendo seus próprios paradigmas, sempre a reconhecer a própria dinâmica histórica e científica da sociedade, numa espiral evolutiva. Caminhará, a Conscienciologia, sempre junto com concepções revolucionárias da própria sociedade para nunca ficar parada no tempo, sempre inserida na dinâmica de conhecimentos inatos, sempre negando o conhecimento comum do *demos*, assim como a própria Ciência Convencional, há muito, tem negado os mistérios das afirmações incertas.

Bibliografia Recomendada

1. ARRUDA ARANHA, M. L. & PIRES MARTINS, M. H. *Filosofando*: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1991.
2. DELTA. *Enciclopédia Delta Universal*. Rio de Janeiro: Delta, 1982.
3. FOLHA DE SÃO PAULO. *Nova Enciclopédia Ilustrada Folha de São Paulo*. São Paulo: Folha de São Paulo, 1996.
4. FREIRE MAIA, N. *A ciência por dentro*. Petrópolis: Vozes, 1997.
5. LAKATOS, E.M. & ANDRADE MARCONI, M. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 1986.
6. MARITAIN, J. *A filosofia da moral*. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1973.
7. NIELSEN NETO, H. *Filosofia básica*. São Paulo: Atual, 1992.
8. PIRENNE, H. *História econômica e social da idade média*. São Paulo: Mestre Jou, 1968.
9. SAUTET, M. *Um café para sócrates*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
10. VIEIRA, W. *700 experimentos da conscienciologia*. Rio de Janeiro: IIPC, 1994.
11. _____. *Nossa evolução*. Rio de Janeiro: IIPC, 1996.
12. _____. *O que é conscienciologia*. Rio de Janeiro: IIPC, 1994.
13. _____. *Projeciologia*. Londrina: Universalista, 1990.
14. _____. *Projeções da consciência*: diário de experiências fora do corpo físico. Rio de Janeiro: IIPC, 1992.
15. _____. *Temas da conscienciologia*. Rio de Janeiro: IIPC, 1997.

Referências Bibliográficas

1. VIEIRA, W. *Projeciologia*. Londrina: Universalista, 1990. p. 569.
2. FERREIRA, A. B. de A. *Novo dicionário aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. p. 919.
3. FREIRE MAIA, N. *A ciência por dentro*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 20, 24, 58.
4. VIEIRA, W. *700 experimentos da conscienciologia*. IIPC: Rio de Janeiro, 1994. p. 73.
5. ARRUDA ARANHA, M. L. & PIRES MARTINS, M. H. *Filosofando*: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1991. p.188.
6. NIELSEN NETO, H. *Filosofia básica*. São Paulo: Atual, 1992. p. 27.